

ose Leite



ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA
1921

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de SILVA GRACA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre..... 2500 cív.
Semestre..... 5500 "
ANO..... 10500 "

NUMERO AVULSO. 20 cív.

Redacção, administração e oficinas: Rua da Seara, 49 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Fedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

Aos srs. Caçadores

POLVORA PARA CAÇA F. F. F. F. F. em latas de meio quilo, pacotes e polvora para pedreiras vende a SOCIEDADE AFRICANA DE POLVORA (antiga Companhia Africana de Polvora) Fábrica em Vale de Mihaço.

Escritorio:

Rua de S. Paulo, 29, 1.º — LISBOA

Tosses Cura eficaz e agradável, só com os

Rebuçados de S. Paulo

Premiados em Milão (1920)

A PRIMOROSA — R. São Paulo, 130

BARROS MARINHAS DENTADURAS

Concertam-se em 3 horas

DENTES FIXOS SEM PLACA

Rua da Assunção, 25

Esquina da rua da Prata

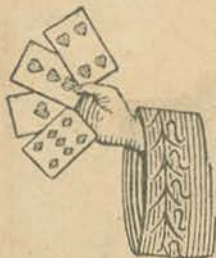
A UNICA Nest'e país diplomada
ESONAMBULA VIENTE, chegada de Paris,
consultas a distancia, tratamento por suggestões, resultados garantidos como prova com atestados no seu gabinete. Ao seu consultorio: da-30 lições de hipnotismo. Consultas das 12 ás 19.30.
LAEGO D. ESTEFANIA, 8, r/c, esp.

Almerinda Correia MANICURE

TRATAMENTO das mãos, das 10 horas ás 19 horas.

Rua do Loreto, 61, sobre-loja.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2.1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).



Creme au Rose Blanche

VENDEM-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS, FARMACIAS E DROGARIAS.

DEPOSITO GERAL:

Fernandes, Almeida & C.ª

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º — LISBOA

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem recorrido as principais cidades da Europa e America, onae loi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe sa-

suiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 5000, 10500 e 15000.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS Fazem-se nas oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA" RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade accionista de responsabilidade limitada

Ações..... 300.000\$00
Obrigações..... 254.228\$00
Fundos de reserva e amortização..... 380.000\$00
Escudos..... 1.024.228\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermo (Lousã) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instalada para uma produção annual de 6 milhões de folhas de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e etornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princeza, 270. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 660, Porto, 117.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 782

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1921

20 Centavos



Em VILA REAL — A «Festa da Família» (quadro regional). — Ao centro o sr. dr. Franklin de Almeida Lima vestido de camponesa. — (Cliché de Miguel Monteiro).

Cronica da Semana



A imprensa franceza dirige-se com louvor aos aristocratas russos que foram residir em Paris depois da revolução bolchevista, em numero de 30:000, os quais estão exercendo na capital de Frauca os mais humildes misteres, resignadamente, sem um protesto, como se para tal tivessem sido preparados: o conde Ignatief é vendedor de leite, alguns principes são «chauffeurs», ha damas que se entregam á costura, outras á dactilografia, etc.

O facto presta-se a variados comentarios filosoficos, que não faremos, porque ele, naturalmente, não será julgado com inteira imparcialidade; haverá quem lamente a sorte dos nobres senhores da velha Russia, obrigados a trabalhos manuaes e haverá quem se re-

goisje com ela porque, em boa verdade, a maquina humana é só uma e não é conveniente que alguns dos seus órgãos permaneçam inactivos. Uma conclusão, porém, se deduz, sem curarmos da justiça ou injustiça da sorte e é que, por mais que a adaptação d'aquelles titulares ás tarefas grosseiras tenha sido rapida, não se realizou sem duro e penoso esforço. Quantos d'elles terão amaldiçoado a educação recebida, para a vida luxuosa e inutil dos salões e quantas vezes terão ouvido referencias desagradaveis dos profissionais, pois que, afinal, os novos pobres não se arriscam menos ao ridiculo do que os novos ricos?

A situação dos privilegiados do velho imperio russo encerra uma lição, que deveria ser aproveitada; porque não ha de o ensino manual acompanhar obrigatoriamente o intelectual em todos os paizes, ainda mesmo n'aquelles onde o bolchevismo não tem criado nem pode criar fundas raizes? Exemplificando: porque não ha de um doutor em direito, em medicina ou em matematica ser ao mesmo tempo sapateiro, alfaiate, chapeleiro, etc. etc? Era de regra, na Alemanha, ensinar um officio aos filhos dos imperadores e na verdade vos dizemos que o ultimo kaiser, se tivesse previsto o que lhe aconteceu e lhe dessem a escolher, em menino, entre o trono e a tripeça, não teria um momento de hesitação e estava hoje tranquilamente a deitar meias solas.

FALA-SE mais uma vez em incursões monarchicas no norte do paiz e parece que ainda ha quem acredite em semelhantes boatos como se as circunstancias actuais fossem mais propicias a aventuras, agora que, quanto mais não fosse, os interesses criados cercam as novas instituições com uma barreira invencivel, do que quando a Republica dava os primeiros passos indecisos. Coisa para meditar: sempre que se propõe a amnistia e se lhe estabelece uma corrente favoravel, esses boatos ressurgem e aumentam, sem que os desmentidos officiaes

consigam desfazer completamente as preocupações dos tímidos. Será um proposito, para anular impulsos de generosidade?

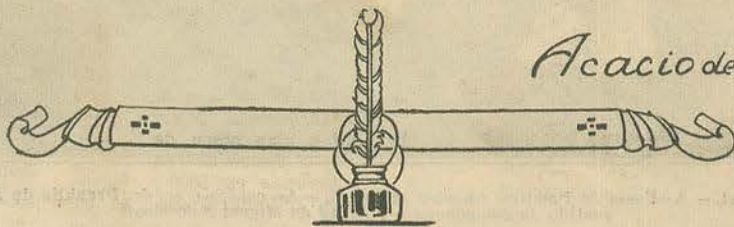
Não o cremos, mas, mesmo que assim fosse, os seus autores só muito frouxamente poderiam impedir um acontecimento que forçosamente ha de dar-se, porque obedece a leis naturais, mais fortes do que a vontade do homem. A repressão, quando contrária a essas leis, não só as não destroe como lhes dá nova força, de modo a determinar tumultuosamente o que poderia fazer-se com serenidade e sem agravos que podem ser a sementeira de futuros odios. O favor prestado de boa vontade é agradabilissimo para o favorecido; o que se presta á força e resmungando não se agradece com sinceridade.

TEM dado que falar entre os sabios um tal Coulon, «boxeur», que, apesar de não ter muito peso, goza da propriedade de, uma vez deitado, ficar como que pregado ao chão; ninguém o pode erguer, por mais forte que seja. Um fisiologista, o sr. Noguez, tentou explicar o fenomeno pelas leis correntes da mecanica, mas, ao que diz o «Matin», essa explicação não colhe, em vista das experiencias feitas no «Institut Général de Physiologie», e assim tem de se confessar o que ha muito é sabido, que o homem conhece efeitos mas não causas e que se é fertil em theorias imaginosas ainda está muito longe do descobrimento da verdade.

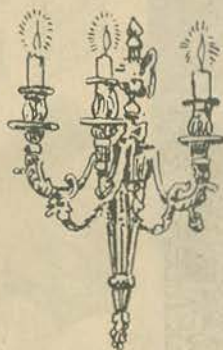
Haverá uma força, diferente da gravidade, que atraia o extraordinario Coulon para o centro da terra, quando na posição horizontal? Onde residirá essa força? fóra ou nas celulas do proprio Coulon? Se já como fôr, não lhe temos inveja e ninguém certamente lh'a terá; não cair, de modo algum, é que seria deveras para desejar, ou então cair e levantar-se imediatamente, voltando á posição primitiva como os bonecos de sabugo com que as crianças costumam brincar.

A estas horas o nosso bom dr. Pontes já deve estar com o olho no «boxeur», para no-lo apresentar no Colisen, mas duvidamos do exito, porque julgamos de pouco interesse o espectáculo d'um homem deitado e inamovivel. E d'at talvez nos enganemos: pois não causer enorme entusiasmo em Lisboa o celebre Succì, só porque aparecia... a não comer?

EXPOZ ha dias em Coimbra alguns quadros a oleo a sr.^{ta} D. Eduarda Lapa de Sousa Caldeira, já conhecida em Lisboa por trabalhos que os entendedores admiravam no salão Bobone. E' quasi uma criança, mas o que lhe falta em experiencia da vida sobra-lhe em talento, conforme notou o illustre critico, sr. dr. Antonio Arroio, n'uma carta que precede o catalogo que temos presente. Sabemos que a joven pintora prepara nova exposição em Lisboa e podemos desde já profetisar-lhe um verdadeiro triumpho, pelo que nos foi dado apreciar.



A CASA NATAL DOS HOMENS CELEBRES



por

Patrocínio Ribeiro

U

MA das manifestações mais interessantes e curiosas da moderna idolatria, do fetichismo intelectual do nosso tempo, é, sem duvida nenhuma, essa admiração tocante que se tributa ao logar memoravel onde surgiu para a vida

um grande homem—sábio, filosofo, artista, descobridor ou heroi. E extremamente glorioso para uma terra o facto de ter dado ao mundo um homem superior e os seus contemporaneos proclamam essa honra com elevado orgulho. E' por isto que Lisboa, Coimbra e Alemquer disputam entre si a honra insigne de ter visto nascer Camões, o grande poeta épico da peninsula. Assim quando a casa natal do homem eminente está rigorosamente localizada, sem originar incertezas nem duvidas, essa habitação toma o caracter duma veneranda reliquia para os seus contemporaneos e é considerada como um templo augusto pelos seus vin louros; lá fóra, no estrangeiro, muitas destas casas celebres são consideradas monumentos nacionais e museus de caracter muito especial sob a tutela directa das respectivas municipalidades. Em Portugal limitamo-nos, apenas, em affixar na fachada uma lápide comemorativa, em mármore, quasi sempre de iniciativa particular.

Entre as casas celebres da Inglaterra distingue-se uma, em Stratford, sobremodo conhecida em todo o mundo como um dos museus mais interessantes em homenagem a um homem celebre — é a casa natal de Shakespeare; foi ali que, em abril de 1564, nasceu esse genial autor do «Hamlet», do «Othello» e de tantas outras obras primas do teatro inglés.

Em Espanha, entre outras, ha em Valladolid a casa natal do grande poeta José Zorrilla.

Em Florença, a bela, a linlissima cidade italiana, a cidade das flôres, ainda hoje se mostra ao forasteiro, piedosamente conservada, a casa em que no dia 8 de maio de 1265 nasceu o celebre poeta Dante, autor da «Divina Comedia» onde immortalizou a sua amada Beatriz.

Em Pisa existe ainda a casa onde, em 15 de fevereiro de 1564, nasceu Galileu, esse famoso matematico, fisico e astronomico que, a despeito de tudo, afirmou convicção que a terra se move sobre o seu eixo.

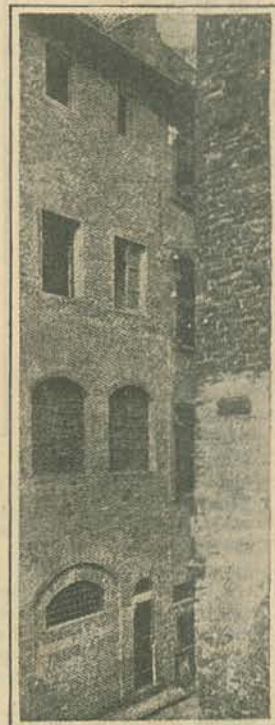
N'uma modestissima habitação de Roncole viu a luz do dia, em 1813, o grande compositor italiano Verdi, autor de tantas operas maravilhosas.

Em Riese mostram, enternecidamente, ao visitante a casa onde, em 1835, nasceu José Sarto que em 1903 foi eleito papa sob o cognome de Pio X.

Napoleão Bonaparte nasceu em 15 de agosto de 1769 em Ajaccio, na Corsega, n'uma casa de aspecto severo.

Na rua Direita de Besançon vê-se uma habitação do seculo XVIII, com o n.º 140 e uma placa de bronze comemorativa inaugurada em 1880; foi no 1.º andar d'essa

Entre as casas celebres da Inglaterra distingue-se uma, em Stratford, sobremodo conhecida em todo o mundo como um dos museus mais interessantes em homenagem a um homem celebre — é a casa natal de Shakespeare; foi ali que, em abril de 1564, nasceu esse genial autor do «Hamlet», do «Othello» e de tantas outras obras primas do teatro inglés.



1. Cluny—Casa onde nasceu Prudhon.—2. Florença—Casa onde nasceu Dante Alighieri.





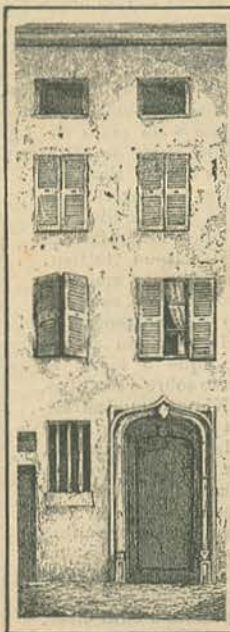
Vila Real. Casa onde nasceu Diogo Cão. (Aquarela de Alberto de Sousa).

casa celebre que, ás 7 horas da tarde de 26 de fevereiro de 1802, nasceu o imortal Victor Hugo, cuja pena gloriosa tanto brilho deu ás letras francezas.

Foi na pequena aldeia de Clunay que, em 1823, filho d'um simples britador de pedra, nasceu Pierre Prudhon, o grande pintor cognominado o «Corregio francez».

Rouen, a terra natal de tantos filhos eminentes como Corneille, Fontenelle, Gericault, etc. orgulha-se tambem de ter visto nascer Gustave Flaubert, o esplendoroso romancista da «Salammbô» e de «Madame B vary»; o futuro chefe da escola naturalista nasceu em 1821, n'um pavilhão do Hotel Dieu, situado na rua Lecat.

N'uma casa rustica, edificada na pequena aldeia de Saint-Céneri (Orne), nos arredores de Seez, nasceu em 1755 Nicolas Jacques Conté. Era filho d'um pobre



Macon. Casa onde nasceu Lamartine.

hortelão e foi educado pela assistencia publica, chegando a distinguir-se em Paris como quimico e mecanico de bastante valor. Invenção uma maquina hydraulica e foi por indicação sua que pela primeira vez se empregaram os aerostatos nas operações militares. Havendo falta de plumbagina em França, em virtude das hostilidades com os ingleses, em poucos dias resolveu o problema montando uma manufactura de lapis que ainda hoje se chamam de «Conté». Fez parte da expedição scientifica ao Egypto e faleceu em 1805. Em 1853 Seez ergueu-lhe uma estatua.

Em Macon, na rua das Ursulinas, mesmo em frente do convento d'estas freiras, n'uma casa do seculo XVI, de modesto aspecto, nasceu Lamartine, o futuro poeta das «Contemplações», filho do capitão de cavalaria Pierre de



Saint-Céneri (Orne). Casa onde nasceu Conté.

Lamartine e de sua mulher Alexis Françoise Derroys. Por morte dos seus progenitores Lamartine herdou esta casa, mas, em consequencia

dos seus continuos revezes de fortuna, teve que vendê-la por uma quantia insignificante. Em 1890 collocou-se na sua fachada uma lapide de marmore negro com a seguinte inscriçào: «Aqui nasceu Alfonso Maria Luis Lamartine em 21 de outubro de 1790.»

Na noite de 5 para 6 de janeiro

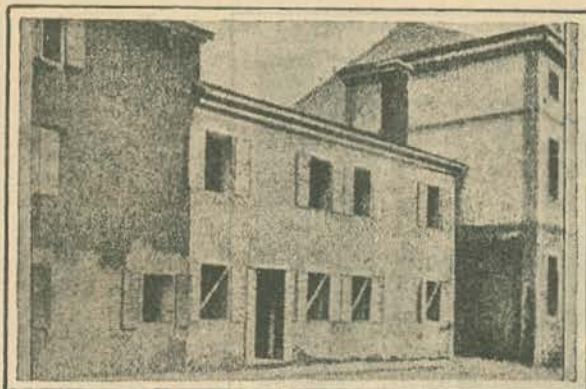


Setubal. Casa onde nasceu Bocage (estado actual).

de 1411 na aldeola de Domremy, situada no vale do Meuse, entre Neufchateau e Vanconleurs, nos confins da Champagne e da Lorena, nasceu essa decantada heroína francesa, ultimamente beatificada, Joana d'Arc. Era filha de Jacques d'Arc e de Isabelle Romée, gente do campo, muito pobre. Sua mãe deu-lhe uma educação mística, acentuadamente religiosa e contemplativa. Era ela quem guardava o rebanho de seu pai; aos 13 anos teve a primeira visão. Salvou a sua patria dos inimigos estrangeiros, repoz um rei no trono, morreu queimada viva pelos ingleses em 30 de maio de 1431 e é tida e venerada como santa pelos seus compatriotas. Como o pai morresse de desgosto quando ela foi supplicada, a viuva foi viver para Orleans. A casa onde nasceu a heroína ficou en-



Casa onde nasceu Garrett, no Porto. (actual)

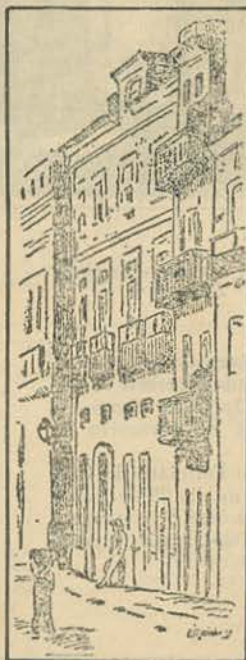


Riese. Casa onde nasceu Pio X.

ção sendo habitada por seu irmão mais novo, João d'Arc. Herdou-a depois seu filho Cláudio que mandou executar sobre a porta de entrada os ornatos que ainda hoje se veem. Durante 125 anos esta casa celebrou pertenceu aos parentes de Joana. Em 1586 foi comprada pela condessa de Salm, cujos herdeiros a venderam em junho de 1700 a João Gerardin. Em 1818 habitava-a Nicolau Gerardin, velho soldado lutan-



Valladolid — Casa onde nasceu o poeta José Zorrilla.



(Lisboa antiga) Casa da Rua de S. Roque, n.º 13, onde nasceu António Feliciano de Castilho.

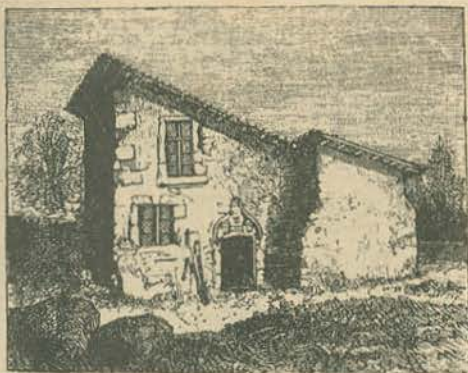
do com dificuldades que a vendeu por 2.500 francos ao Conselho Geral dos Vosges, com a condição de habitar nela enquanto fosse vivo. Faleceu em 1829. Desde então a casa de Joana d'Arc — que foi restaurada recentemente — é considerada monumento nacional da nação francesa.

Modernamente, algumas localidades portuguesas tem assinalado a residência primitiva dos seus filhos mais ilustres pela colocação homenagem de lapides ilucidativas.

S. Bartolomeu de Messines, no Algarve, possui a habitação modesta onde, em 8 de março de 1830, nasceu o grande lirico João de Deus.

Parada de Gonta orgulha-se de ter sido berço de Thomaz Ribeiro, o poeta patriota do «D. Jaime».

Em 25 de novembro de 1845, a Povoa



Domremy. — Casa onde nasceu Joana d'Arc. (primitivo)



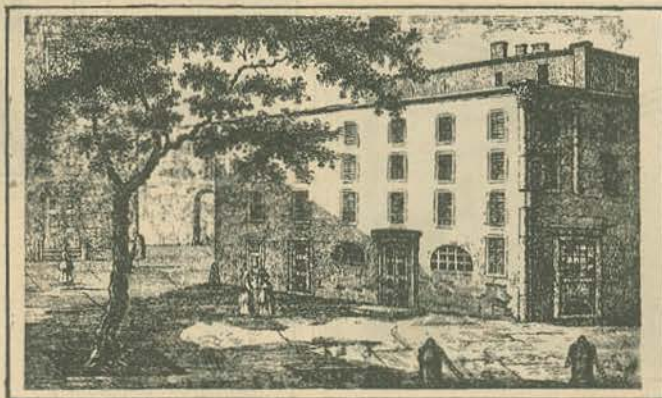
Beja. — Casa onde nasceu o padre José Agostinho de Macedo.

de Varzim viu nascer Eça de Queiroz, o admirável romancista do «Primo Bazilio» e do «Crime do Padre Amaro».

Em S. Bartolomeu do Mar, n'uma casita de modestissima apparencia, nasceu o grande jornalista do «Espectro» e da «Revolução de Setembro», Rodrigues Sampaio.

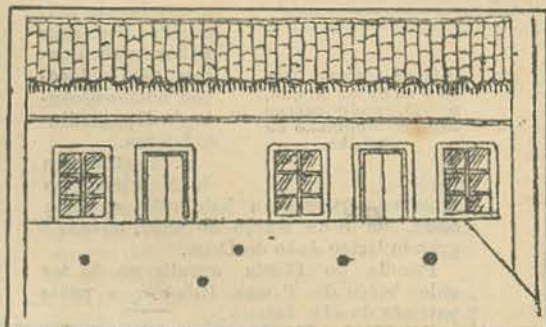
O visconde de Almeida Garrett — glorioso autor do «Frei Luiz de Sousa» — nasceu no Porto, em 4 de fevereiro de 1799.

O poeta cego Antonio Feliciano de Castilho nasceu em Lisboa, no dia 26 de janeiro de 1800, n'uma antiga casa da rua Larga de S. Roque, hoje rua do Mundo, que tinha então o n.º 13.

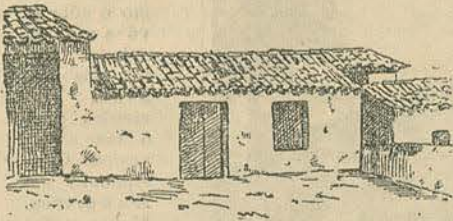


Ajaccio. — Casa onde nasceu Napoleão.

Vasco da Gama, o «forte capitão» que descobriu o caminho marítimo para a Índia em 1498, nasceu na vila de Sines, em 1469, n'uma antiga habitação que existia no lo-



Sines. — Casa onde nasceu Vasco da Gama. (estado actual) — Pisa. — Casa onde nasceu Galileo.



S. Bartolomeu do Mar. Casa onde nasceu o grande jornalista Antonio Rodrigues Sampaio.

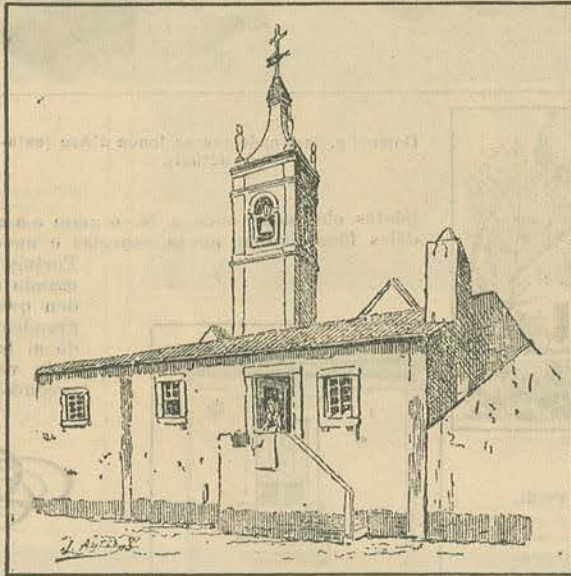


Santarem. Casa onde nasceu o marquez de Sá da Bandeira.

cal em que hoje se ergue uma edificação moderna.

Em Vila Real ha uma casa de aspecto antigo que a tradição diz ter sido onde nasceu o celebre navegador Diogo Cão, o primeiro europeu que dobrou o Cabo das Tormentas.

Ainda hoje existe, em Beja, se bem que modernamente modificada, a habitação que viu nascer em 11 de setembro de



1761 o celebre padre José Agostinho de Macedo.

Em Santarem, no dia 26 de setembro de 1795, nasceu o marquez de Sá da Bandeira; a casa onde soltou os primeiros vagidos este vulto eminente da nossa historia militar moderna é uma verdadeira reliquia para a cidade.

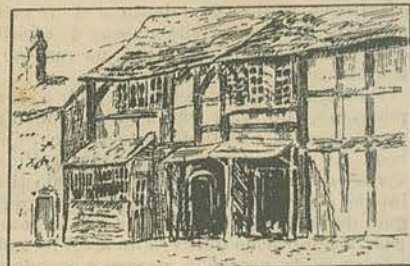
Mannuel Maria Barbosa du Bocage-o agudissimo poeta Bocage da gente culta e o picaresco «Bocaes» da tradição popular — nasceu em Setubal, em 15 de setembro de

Setubal. Casa onde nasceu o poeta Santos Silva.

1765, n'uma modesta casa da rua de S. Domingos. Essa habitação, encontrando-se já muito danificada, foi á praça ha anos; comprou-a o cidadão francês Edmond Bartissol, que a mandou reparar, oferecen-



Rouen. Casa onde nasceu Gustave Flaubert



Stratford. Casa onde nasceu Shakespeare

do-a depois, desinteressadamente, á Camara Municipal de Setubal, apenas com a condição de ser n.º 1 a instalada uma escola.

Foi em Setubal, tambem, que, filho de pessoas muito pobres e muito humildes, nasceu,



Domremy. Casa onde nasceu Joana d'Arc (estado actual).

pontos obrigados, onde a fé, o amor e a admiração pela obra d'elles fosse buscar novas energias e novos estímulos? E é Portugal o único país do mundo que não comprehende que tratando dos seus grandes homens é apenas de si mesmo que trata... Pois valia a pena comprehender.



Roncole. Casa onde nasceu Verdi.

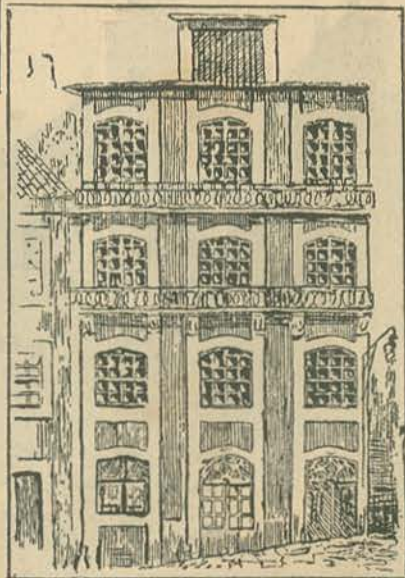
em 12 de abril de 1781, o poeta Tomaz Antonio dos Santos Silva, autor do poema elegiaco «A sepultura de Lesbia».

Não ha entre nós intensificado o culto dos grandes homens como em França. Ali, a casa onde nasceu um homem de genio é frequentes vezes transformada em museu e quasi sempre motivo da romaria dos fieis, admiradores ou «snobs», que vão em peregrinação tocar os moveis e os sitios onde o grande homem viveu. Depois de mortos, os seus monumentos são obra de escultores cheios de talento e de fé crealora e até os cemiterios da França são museus d'escultura funeraria. A casa onde Victor Hugo viveu, na rua da Gréve, é hoje museu publico.

Entre nós, quem se lembra de ir ao largo do Carmo propositalmente para vêr a casa onde dizem que nasceu o nosso grande Camilo Castelo Branco? Quem é que se lembra de pôr no prediosinho insignificante onde Fialho vivia em Lisboa, ao pé da Praça do Rio de Janeiro, a lápide artistica? Entre nós só a casa de Camilo em S. Miguel de Seide está vulgarizada e só ha pouco o co nasceu a ser, com a publicação do livro do sr. Visconde de Vila Moura, a casa onde nasceu e morren o grande poeta Antão do Nobre. Ha porventura a «casa-museu»? Não. Pois nem o museu da cidade existe! Em Paris, o Museu Carnavalet



Setubal. Casa onde nasceu Bocage, antes de ter a lápide comemorativa.



Porto. Casa onde nasceu Almeida Garrett (primitiva).

O LIVRO DO DIA



Jacome Ratton

JACOME RATTON escreveu no século XVIII o mais curioso livro que possuímos sobre as indústrias e a vida do seu tempo. Raríssimo hoje, foi agora de novo reimpresso pela Imprensa da Universidade de Coimbra, com um prefácio do Dr. Teixeira de Carvalho. É uma edição nitida, digna do apreço dos estudiosos. Jacome Ratton foi uma figura notável do seu tempo e o seu livro, de que a Livraria Coelho é depositaria, é um dos mais consultados com proveito. Já pelos informes que nos dá, já pelo tom despreocupado em que foi escrito.

OS LIVROS DA GUERRA

FLANDRES

Notas e impressões por Costa Dias

É um dos livros, entre os muitos de que a nossa bibliografia é já farta, que mais se notabilisa e se impõe. Costa Dias, escritor milit e muito distinto, professor de nome, escreveu as suas impressões da ida á grande guerra e comentou-as, ora com curiosas notas historicas, ora com interessantes dados que elucidando o leitor lhe servem de desenfastiado esparecimento.



O sr. dr. Candido de Figueiredo recentemente nomeado presidente da Academia das Sciencas de Lisboa.



O sr. dr. João Paes de Vasconcelos que foi nomeado director do Banco do Hospital de S. José.



A Sr.ª D. Laura Marinho Sobral que foi nomeada directora da Escola Maternal e Profissional de Vila do Conde.



O sr. Fernando David, um dos pintores premiados na Exposição da Sociedade Nacional das Belas Artes.

A velada
literario-musical na exposiçao
LEAL DA CAMARA



Para encerrar a sua exposiçao de Pierrots, deu Leal da Camara uma velada, de que a presente gravura mostra a mais escolhida assistencia.

Pelo Estrangeiro

TRÊS retratos de lindas mulheres e três caricaturas de flagrante atualidade é o que nos fornece agora o estrangeiro. Desmentida a morte do príncipe Kropo.



Miss Phyllis, Titmuss graciosa actriz de variedades, vestindo o seu fato de «football» em scena.



Na bicha: — Dizem as autoridades que as bichas diminuem! — Pudera: metade da gente morreu com pneumonias. (La Vos, Madrid).



3. A elevação do povo russo. (Do Numero, de Turin).

4. Miss Betty Blake, graciosa dançarina que em Inglaterra está fazendo sucesso.



5. Os socialistas noruegueses descobrem afinal a verdade que o deus bolchevista continha. (Da Karikaturer, Cristiania).

6. O laço do sapato: — Um curioso estudo fotografico de Constança Bimey, uma das mais conhecidas atrizes de cinematografo.



tkine, ficaram de pé os grandes problemas do bolchevismo e das subsistencias.

No das subsistencias as bichas diminuíram porque metade da gente morreu de frio no clima frigidissimo de Madrid.

Quanto ao bolchevismo é hoje um problema desacreditado embora insolúvel. O povo russo eleva-se, mas é na forca e o bolchevismo quebrado perante a razão dos socialistas noruegueses mostra o seu intimo — velhos ratos militares que fogem espantados em todas as direcções.

Moda feminina

O SEGREDO DO CHIC *

POR D. HELENA D'ARAGÃO

dido de aformosear a Mulher. O objectivo da moda actual é ineludível: embelezar, favorecer, aproveitar habilmente os pequenos defeitos físicos, que em meias tintas difusas, sabiamente distribuídas, se revem de fundo inesperado aos pormenores de beleza, que assim ressaltam em plena luz, burilados e impressionantes.

A moderna arte de vestir exige um estudo aturado e complexo dos mil pequeninos nadas que gravitam em volta da «toilette» feminina, congrega em si uma infinidade de teoremas em que a metafísica da elegancia é debatida e profundada sob mil aspectos diversos.

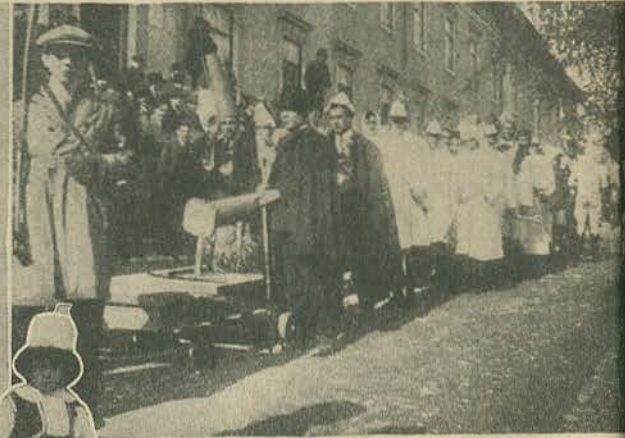
Saber vestir é qualquer coisa de mais elevado do que demonstrar que se conhecem as leis da moda vigente; é conquistar o direito de se poder pensar, sem protestos íntimos, volveendo em torno um olhar triunfante, graciosamente velado pela modestia: Sou bela!



Moda e a Arte, num pacto firmado com a Estetica e o Bom Gosto, elementos primordiais do «chic», multipli-

cam-se em prodigalidades de creações originaes, recreiam-se em fascinar-nos com as suas modernas concepções do belo e do gracioso, n'um empenho deci-

O Carnaval



2. Um chefe em miniatura. A menina Lucinda da Pieda de Silva, filha do chefe Silva. 3. O cortejo carnavalesco dos estudantes. Artilheria e Companhia de Saúde.



1. Um interessante carro do curso da Avenida



5. Na ceia e baile do Avenida Palace. A assistência elegante. — No 1.º plano o sr. Conde de Ficalho. 6. No Centro Heapsbol — Parte da assistência ao baile de Domingo. 7. Um carro de foliões.

nas ruas, nos teatros, nos bailes e nos «clubs». Estudantes e creanças, foliões e carros enfeitados.



1. Cortejo dos estudantes. Simulacro de combate. 2. Carro do pessoal de O Seculo.



3. No Ateneu — Um grupo. 4. Cortejo dos estudantes. O Estado Maior. 5. O



Corso na Avenida. 6. A Idade feliz.



7. Os meninos Ernani Coelho e Julietta Coelho n'um costume simbolizando O trabalho e a agricultura. No Baile do Ateneu Comercial.—Grupo de creanças mascaradas.



1. A menina Maria de Lourdes Malheiro Ferrão, (dama de 1830).—2. No Teatro Nacional: Máscaras do baile infantil de se-



4. Os primeiros premios do Coliseu dos Recreios



e do Nacional, menino Artur da Silva Paiva (Nacional), e as meninas Maria Luiza dos San-

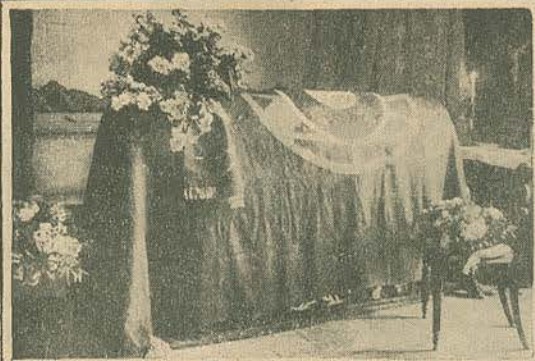


gunda feira.—3. Menina Esmeralda Alves 5 e 6. No Teatro Nacional: Algumas máscaras curiosas.—6. Na Avenida: Um carro enfeitado.—9. A menina Maria Helena P. Chaves (de tuuro).



tos Garcia e Maria Tereza dos Santos Garcia, ambas 1.º premios do Coliseu.—7. Máscaras do baile infantil de terça feira no Teatro Nacional. Um quarteto encantador.—8. Um curioso carro do «corso» da Avenida.—10. No baile infantil de terça feira, do Teatro Nacional. — (No proximo numero daremos as interessantes máscaras do baile infantil da Liga Naval).

OS MORTOS.



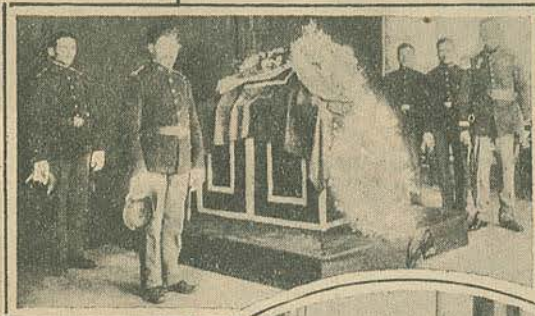
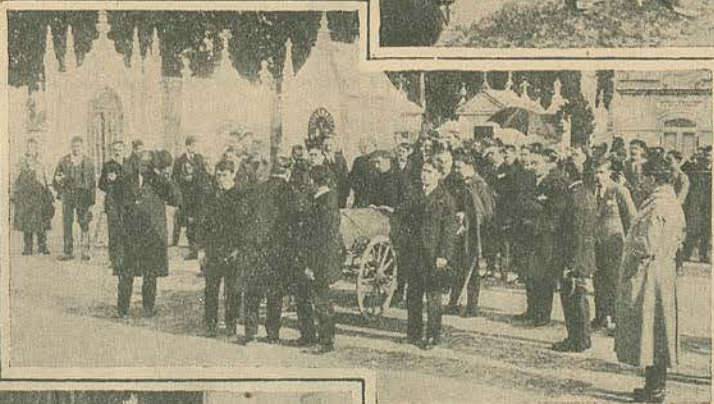
O enterro do escritor João da Rocha, secretário do sr. Presidente da República.

1. A camara ardente.
2. No cemiterio.
3. Rendendo o turno no cemiterio.



O enterro do tenente José Herculano de Campos Rego

Foi morto como alferes, á frente dos seus soldados, no combate de Nhama curra (Quelimane), contra os alemães, em 1 de julho de 1918. Era miliciano



8 e 9. O funeral do tenente Campos Rego a caminho de estação do Rocio.



de infantaria 35 e tinha 19 anos de idade.

4 e 5. No Arsenal da Marinha onde o feretro do tenente Rego desembarcou do Afríca. O elemento oficial.



6. No Arsenal da Marinha: A guarda de honra.



7. O sr. dr. Luis Maria da Silva Ramos, lente jubilado da Universidade de Coimbra, falecido recentemente



10. O maestro Luigi Mancinelli, bem conhecido entre nós, que também falleceu.

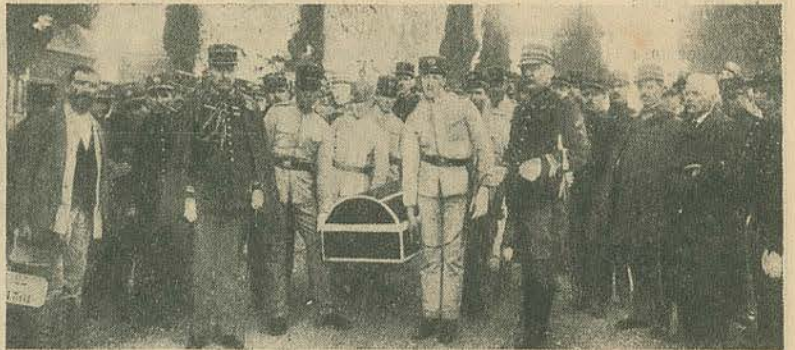




JOSÉ JOAQUIM PINTO, o antigo empresário, que faleceu na bonita idade de 86 anos. Figura curiosa e original, era também muito estimado pelo seu excelente caracter.



O enterro do empresário José Joaquim Pinto.



O funeral do soldado Joaquim Pereira, da 4.ª companhia da Guarda Nacional Republicana, vitimado por um desastre na instrução de tiro. — O grande cantor português Francisco d'Andrade, falecido em Charlottenburgo, (Alemanha), e que era considerado uma celebritade mundial e de quem, no próximo numero da « Ilustração Portuguesa », nos ocuparemos mais detalhadamente.



Na Cantina Escolar de S. Miguel

Jantar oferecido a 90 crianças e distribuição de um premio de cinco escudos aos melhores alunos da escola. A Cantina de S. Miguel é uma bela instituição que a filantropia consagra o melhor do seu esforço. Justo é que esse esforço se assinala e louve, que de muito isso serve para que a obra encetada prossiga sem desfalecimentos.



✽ ✽



Aspecto da sessão solene na Cantina de S. Miguel.



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

ESTATUAS



Falta esta em S. Bento, a representar o Genio nacional...



PALESTRA AMENA

Vitoria!

Não temos absolutamente nada com a vida alheia e não lhe ligamos atenção nenhuma, pelo que nos deixou indifrentes a noticia de que Augusta Vitoria, esposa do ex-soberano português, D. Manuel de Bragança, se encontrava no seu estado interessante. Compreendemos o sobresalto e a alegria do marido quando a esposa lhe deu a novidade e estamos a ouvi-lo gritar: Vitoria! no tom de voz dos grandes triunfadores.

Vitoria, efectivamente, é essa, a de depois de tantos anos conseguir um herdeiro ao seu pretensio trono, quando todo o mundo julgava a deposta magestade incapaz de minimo exito; ou não fosse português, o sr. D. Manuel, d'esta raça que deixa sempre para amanhã o que podia ter feito hoje, d'esta raça que nunca descreu de melhores dias, por mais nebulosos que sejam os presentes!

Sempre pensámos isto, quando sorrisos motejadores comentavam supostas desavenças entre os nobres conjugos. Esperem-lhes pela pancada, dizamos nós, confiados. E a pancada veio,

e elle aí está em vespéras de ser pai dum lindo «bébé», que desde já saudamos e a quem desde já desejamos as maiores venturas.

Elle aí está, dizemos, mas ha quem não acredite em tal.

A folha que nos deu a nova, acrescenta que os partidários de D. Duarte a não acreditam nem tomam a serio...

Mas porque, santo Deus? Que incredulidade é essa nos arraiaais monarchicos contrarios, se nos republicanos ninguém manifesta duvidas sobre a vitoria de sua ex-magestade augusta sobre Augusta Vitoria? Ah! que sois malevolos, srs. duartinos!

Acaso recusa o novo rival, ainda intrinsecado em obscuras regiões? Então não confias no braço forte de D. Duarte, ou no vosso proprio esforço?

Supondes que o rebento manuelino saia, por acaso, ao pal na valentia e em combate vos pulverise, a vós e ao vosso rei? Falavais de papo apenas porque esperaveis que não viria ao mundo quem comvosco se batesse e já tremeis d'um simples feto, ainda na toca?

Aquietae-vos e deixai nascer quem nasce, que o mundo é grande e chega para todos!

J. Neutral.

Felicidade

Sempre esperámos que a vida barateasse, mais dia menos dia, mas confessamos que nunca nos lembrámos de que o que começasse a baixar do preço fosse o carvão de pedra. Já sabemos que o vegetal está na Moita por um preço irrisorio, o que nem por isso tem grande repercussão no resto do país; agora é o mineral o basta a simples no-



cia da baixa do combustível, para tudo se resentir...

N'uma loja de chapéus de senhora, ao Chiado.

A fr guésa.

—Quê? um chapéu por duzentos escudos?!

—Sim, minha senhora: o mês passado não tirava v. ex.ª um chapéu como este por menos de duzentos escudos e cinco centavos.

«Agora, graças á baixa do carvão, po-

demos fazer o abatimento de cinco centavos, B' uma verdadeira pochincha!

Lembram-se d'aquella providencia que mandou que em restaurantes e hotéis não se servissem mais de dois pratos a cada refeição?

Então, fiquem sabendo que n'um dos melhores hotéis da baixa já hontem se começaram a servir ao jantar, sem aumento de preço... imaginem o quê? Azeitonas!

Uma para cada comensal, está bem visto, atendendo a que o carvão de pedra só muito remotamente pode influir no custo das azeitonas...

O namoro entre a Elvirinha e o Antunes ameaçava eternizar-se. Muitas promessas da parte de Antunes, mas nem atava nem desatava. Tema inevitavel do gargarejo:

—Mas porque é que não me vens pedir ao papá, Antunes?

—O' filha, com o preço, porque tudo está, posso lá sustentar-te!

—Eu como tão pouco?...

—É os nossos filhos?...

N'isto parava a conversa, porque a pudibunda Elvirinha, desde que lhe apresentavam a hipótese da maternidade, entendia que devia recorrer á mudez das virgens bem educadas...

Ante-hontem, como de costume, repetiu-se a conversa. A' desculpa do Antunes, respondeu ella, triunfante:

—Cantigas, menino! O carvão de pedra está baratissimo!

Elle, reagindo:

—Mas que tem isso?

—Tem tudo. Embaratece a vida.

—E os nossos filhos? Insinou elle, esperando a mulez habitual e assim o fim da conversa. Mas ella, deliciosamente ingenua:

—Com o barateamento do carvão de pedra os transportes em caminho de ferro com certeza que embaratecem tambem, e d'esse modo já podemos mandar vir os pequenos de França sem grande dispendio...

Vão casar por estes dias, a Elvirinha e o Antunes.

Quem quer vai

Todos os dias os jornais noticiam melhoramentos nas ruas da cidade, custeadas por particulares; ainda a semana passada houve l stança nas ruas do Guarda-Mór, do Cura e travessa Nova de Santos, porque os habitantes instalaram lá a luz electrica, á sua custa.

Até que enfim vamos por bom caminho. D'aqui a pouco os particulares calçarão as ruas, varrol-as-hão, regalar-as-hão, etc. Dispensando-se a Camara



de tais serviços, o que é justissimo porque quem estraga as ruas é quem deve concerta-las. A isto haverá quem responda que os municipios estão sobrecarregados de contribuições exactamente para gozarem d'essas comodidades, mas isso não quer dizer nada, antes muito seria para desejar que em tudo deixassemos de contar com os outros. Se o que se faz em ponto pequeno, se fizesse em ponto grande—se dispensassemos as repartições publicas, para não irmos mais longe, outro galo nos cantaria.

Experimente-se.

Torre de Chifre

Doente

Estás tística e anémica
Na tua cama deitada,
Dentro em pouco a junta médica
Dirá que estás condenada.

Já tens olheiras profundas
Já o puls; tens irregular;
Vomitas coisas imundas
Que mal se podem suportar.

E se vier um doutor
Fazer-te auscultação
Reconhecerá minha flôr,
Que tu não tens coração!

A. A. Torres



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa:

Ades ter istrahado u mé cilenso mas fica çabendo que nan tanho ido a triatos nã a parte nãhuma pur cosa das almorreimas que tanho tido i pur ço nan vi a «Lisboa in camiza» nãh coisecma nãhuma mas sempre te digo que conto coisa du Jarvasio i du Brun deve ser coisa acuada. Acim en m deco dixer que poço cair i apanhar relento lá írel ó Avenida i direite u que é a tal pessa i mal u desimpunho respetivo. Agora a cõsa da minha duensa já podes leturar u que foi, cigundo a minha ultima carta bem deves ter intindido que n u pudia resastir pur munto tempo. Foi a pessa du Afonso Galo que mo fez cair as dittas almorreimas i a grande injustissa de nan le arropersintarem cenão uma meia dzia de vezes. Elismente elle já istã a iscrever mais umas 30 tarjedias i intão intõ breve porque istã aqui istã uma oi ra in sena aindas munto mais tarjica en Calvario; em que a cõgnir morrem 32 peçoas infuroadas, 43 invenadadas, 18 afugadas, indoltessem 130, partem as pernas i us brassos umas 80 fóra as que vã pró uspeltal cum maleitias de pouca impurtansia verbo in gracia reumatismas, baxizas, unhas incravadas, etc. etc.

Esculpa nan ser mais istenso mas nan tanho que te dozer i calquer dia te iscrevo i doule parte que nan tarda nada en bacalhau istõija a pafaco pur cõsa da bacã du cravão porque lá u terra nova açim ons bacalhans cõberam en cravão bacõn prantaramco tondos a dançar ó de riba da anga i ó apanhar nellos que é um regalo i arresebe cõdodos abraços deste ca vida te desõija i mal ós caçopos i a touda n ubrigassado unom Jesus maria jusó.

Jerolmo,

Emprezario de Pauliteama
de Peras Rulvas,

Logares selectos

AD SODALES

Oico-os dizer a mudo

Que saia,

Que me distraia:

Mas respondam:

Nãh ha infamias que os jornais me escondam

Eu com dez réis sei tudo

(Melhor talvez que se o fivesse visto!)

Depois isto:

Poupo calçado,

Poupo vestuario;

E se eu já mesmo em casa fui roubado

Por um sicario,

Na rua ando arriscado

Muito mais!

Nada como os jornais!

Jornais, casa e — apito

Cã sempre na algibeira!

De noite, a cabeceira...

Que eu não me deito sem correr os cantos!

Nem eu durmo, dormito...

Elas são tantas!

De João de Deus

EM FOCO

O padre prégador



«Memento homo, dizes, que és poeta
E te converterás na sobredita»
Coisa em que todo o homem acredita
Sem deixar de fazer, por isso, asneira.

Não sei, pois, por que seja tal canceira,
Porque todos os anos se repita;
Era muito melhor mudar de fita
E com diverso assunto vir a feira.

Poderias, emfim, não ser casmurro
E visto que os patifes são em barda,
Que tudo se açambarca e cheira a esturro,

Do pulpito, á maneira de bojarã,
Largar: «Memento homo, que és um burro»,
A ver se ele atravã com a albarda...

BELMIRO

E viva a pandega

Temos á vista um mapasinho todo catita da indemnisação que a Alemanha nos tem a pagar até o fim do ano de 1922: 226 bilhões de marcos, em prestações crescentes, a ultima das quais é de 6 mil milhões...

Estas noticias, desculpem-nos a impertinencia, não deviam vir a publico. Contava-se (e agora reconhece-se que



não era historia que o falecido Carrilho organisava todos os anos o orçamento com um enorme excesso de despesas sobre as receitas, não por que tal fosse verdade, mas para que o publico não se entregasse a demasias nefastas. Durante anos e anos assim se vivera, na suposição d'um «deficit» que não existia e a massinha ia chegando: até que os orçamentos passaram a representar a realidade e a entõ é que toda a gente comecou a pandegar sem conta nem medida, imaginando que a intrujice dos numeros continuava.

Ora, se julgando toda a gente que a Alemanha nos não dava nem a ponta d'um chifre, como ainda não ha muito julgava, os teatros se enchem, o luxo é escandaloso, etc., faça-se idéia do que se fará d'aqui por deante, com a certeza dos 226 milhões de marcos — sem se lembrarem do valor do marco e de que, por consequencia, os taes 226 milhões pouco mais serão do que dezotto tostões...

Desilusão

Dêmos, quando foi da guerra, grandissimas suvas nos alemães, do que não estamos arrependidos; contra eles nos encarnicamos, a ponto do kaiser deixar de assinar o «Seculo Comico», de que era, nos tempos da paz, um dos mais assíduos leitores.

Acabada a guerra, porém, a nossa attitud mudou, como não podia deixar de ser, porque nenhum odio pessoal nutrimos contra a Alemanha, e passámos a ser primeiro benevolos e depois amigos. Parece que devia ser este o procedimento de todos os portuqueses, pois não é assim?

Bem. Ora agora, quando nova era de paz comecava para os dois povos, eis que aparece a noticia de que o nosso Henrique de Vasconcelos, já não vai para Berlim, como ministro de Portugal! Quer dizer: depois de termos dado aos alemães — e em especial ás alemãs — a esperanza de que lhes envariamos a flôr mais linda d'este jardim da



Europa, subitamente damos-lhes o tremendo golpe de voltar com a palavra atraz!

Dizem-nos de Berlim que depois da derrota de Marne não houva facto que mais profundamente desgostasse o povo germanico — na sua parte feminina principalmente, repetimos.

Não se pode ser bonito!

Correspondencia

«Aspas» (Santarem) — Mais um a querer versejar, quando a agricultura está tão falta de braços. Dedique-se ás batatas, amigo!

Receio justificar

«Os gatunos ultimamente tem-se disfarçado com trajes de mulher para assaltarem os transeuntes». — *Dos jornals.*



Ela, aengosa:

— Mas porque fugirão os nomens de mim?

Ele:

— Se calhar é macho!